

Textos, leitores, literatura(s)... Ler, hoje?

Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)

Dilcéia Almeida Sampaio (UNEB)

Resumo: Este texto discute as (im)possibilidades de ler hoje, em face das novas tecnologias e das diferentes mídias que reconfiguraram o leitorado ocidental, alterando-lhe interesses e padrões de gosto. Como podemos fazer para chegarmos ao prazer da leitura na contemporaneidade? Ler ainda dá prazer? Ler serve para quê? A reflexão aqui desenvolvida se baseia nos estudos de Leahy-Dios, Cademartori, Yunes, entre outros.

Palavras-chave: Leitura; Leitor Contemporâneo; Prazer de Ler.

Abstract: This text discusses the (im)possibilities of reading today in face of new technologies and different media that reconfigured the Occidental lectureship, changing it interests and liking standards. How can we get pleasure from reading today? Does reading still give pleasure? For what does reading serve? Reflection here developed is based on the studies of Leahy-Dios, Cademartori, Yunes, and others.

Keywords: Reading; Contemporary Reader; Pleasure of Reading.

Patrícia Kátia da Costa Pina *et al.*

Leitores ampliam seus horizontes emocionais e intelectuais, adquirindo novas dimensões de saber e autocompreensão através de obras literárias. Esse é um dos motivos frequentes de recomendação da leitura de textos literários como complementação da educação da pessoa, como se uma percepção mais clara de certas 'realidades' pudesse emergir através da experiência literária. (LEAHY-DIOS, 2004, p. XXVIII)

O trecho acima, retirado do livro *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*, de Cyana Leahy-Dios, trabalha a questão da leitura, atrelando-a, numa linha de pensamento tradicional e pouco flexível, à literatura e dando a ela uma função redentora. Segundo a pesquisadora, a leitura literária expande as competências emocionais e intelectuais dos leitores. Mas a frase final do fragmento é decisiva: o “como se” usado por Leahy-Dios relativiza a força dessa ideia lugar-comum, que define a leitura literária como aquela que liberta o indivíduo das limitações impostas pelo cotidiano e como a única de real valor.

O primeiro aspecto que nos incomoda é a quase estrita definição da leitura como literária e do leitor como leitor de literatura. Na perspectiva deste artigo, os textos legíveis no mundo contemporâneo ultrapassam de longe os sinais que habitam as páginas em preto e branco (ou coloridas) de um romance ou de um livro de poemas. As obras literárias constituem alguns tipos de texto, mas não *todos os textos*. Assim, ler não é apenas ler ficção ou poesia. Consequentemente, o leitor não é somente aquele que lê literatura, o leitor é o sujeito que lê qualquer texto, do poema à bula de remédio.

Ligia Cademartori discute a convivência de diferentes textos, suportes e discursos na

sociedade contemporânea, definindo parâmetros de concorrência entre o livro, as mídias, as linguagens...

[...] se o livro não concorre com outros meios, como televisão, rádio, periódico, computador, não escapa de concorrer com outros discursos, como os de natureza pragmática, política ou religiosa, disputa que vai gerar trágicas consequências. Os discursos, já se sabe, só existem em cruzamento. (2009, p. 19)

A perspectiva humanista da supremacia da cultura livresca e literária, como instrumento de destaque individual na sociedade burguesa, está se desmanchando. No século XIX e em boa parte do XX, dominar as letras, ser letrado, era uma situação que concedia ao indivíduo um lugar social com certos privilégios. Historicamente, o conhecimento foi arma de luta da burguesia contra o sangue nobre aristocrata.

As sociedades e as sociabilidades mudaram: no século XXI, as mídias, os suportes, as linguagens, as muitas discursividades não existem isoladamente como garantia de domínio intelectual, como base de poder em qualquer nível. Por conta da globalização dos saberes e métodos, todos esses espaços simbólicos estão vendo suas fronteiras se dissolverem.

Os leitores literários, hoje, formam um círculo por demais restrito e normalmente sucumbem ante os muitos textos com que se deparam. As reflexões de Leahy-Dios e Cademartori indicam que, embora tradicionalmente se defina o leitor como o indivíduo capaz de decifrar sinais gráficos, atribuindo-lhes sentidos, essa definição não é suficiente no cenário cultural contemporâneo.

Para discutirmos o tema proposto neste artigo, sugerido pelo título, a saber, a viabilidade, a pertinência, a adequação de refletirmos

Textos, leitores, literatura(s)... Ler, hoje?

sobre a leitura na atualidade, uma vez que estamos cercados por apelos de visualidade e de espetacularidade, os quais não se alinham com o intimismo e com a concentração exigidos pelo ato de ler a palavra impressa, textualidade privilegiada até o século XX quando o assunto era leitor/leitura, em primeiro lugar, é preciso definir o que se entende, aqui, por ler. A seguir, é preciso determinar os limites dos conceitos de leitura e de leitor, que norteiam as reflexões a serem desenvolvidas nestas poucas páginas.

Ler pode ser considerado apenas um ato de decifração de caracteres impressos numa página antes em branco? Entendemos que ler é bem mais que isso. Ler é dirigir os olhos, o corpo e a alma a um texto – seja ele uma tessitura de palavras, seja uma escultura, uma pintura, a expressão facial ou corporal de uma pessoa, um prédio, uma praça, uma vitrine, um filme, um grafite no muro da escola – e começar a namorá-lo, acercar-se, apropriar-se dele. Esse trânsito implica desejo, como em qualquer namoro. Tal desejo, impulso em direção a uma alteridade que nos provoca e nos faz perceber nossa incompletude permanente, não é *natural*, é produto das práticas culturais que nos formam e com as quais interagimos cotidianamente.

Eliana Yunes e Glória Pondé definem leitura e leitor de forma instigante:

Ler na verdade pressupõe o texto – tecido, trama, tessitura de palavra, arranjo, portanto, pelo qual se escreve o mundo. Um texto é, pois, uma representação de uma visão, do real, uma encenação histórica na linguagem: como palavra expressa ela ganha o mundo, adquire autonomia, escapa do autor e se entrega ao uso, à leitura do outro. E, daí em diante, nunca mais será a mesma. (1989, p. 57)

Elas mantêm a ligação tradicional entre a

leitura e a palavra, postura da qual discordamos, como foi indicado anteriormente. Mas trazem uma *luz* sobre o tema: o texto, que para este artigo não é a apenas a palavra impressa ou falada, escapa de sua origem e se dá aos olhos de uma alteridade desconhecida, imaginada, talvez, mas realmente nova, diferente – assustadora, então. Esse trânsito *muda* o texto. Claro, não o transforma em sua concretude material, mas agrega a ele valores simbólicos que, numa outra leitura, já vão apresentá-lo em sua diferença.

Em consequência, o leitor não é visto pelas pesquisadoras como um ser *inocente*, esse seria o *ledor*, aquele que só quer dos textos com os quais interage as informações que podem ser postas em prática no seu dia-a-dia. Observem que *inocente*, aqui, tem um sentido que não é o usual: aponta para certa indisponibilidade interna para a mudança diante do outro – o ledor seria o sujeito *inexperiente*, *inócua* até.

Na ótica dessas estudiosas do leitor e da leitura, o primeiro é um indivíduo interessado e interessante, em situação de disponibilidade para transformar-se e para atuar como agente transformador. Concordamos com essa colocação e avançamos no sentido de que entendemos que leitor é aquele que gosta de jogar com os textos que o cercam, é aquele que, inquieto e curioso, busca *descobrir* as tramas e tessituras das textualidades que elege como objeto de seu olhar.

É isso: leitor é aquele que *elege* o que quer ler. O que implica afirmar que ele tem um leque amplo de possibilidades textuais, não apenas as literárias – e que ele é livre para escolher. Suas escolhas não o classificam como leitor ou não: o que quer que ele escolha ler vai torná-lo leitor.

Marta Morais da Costa mostra como essa liberdade, que não pode ser vigiada, mas pode

Patrícia Kátia da Costa Pina *et al.*

ser orientada, estimula as competências de leitura. Uma vez que o leitor pode escolher o que ler, ele começa a dominar as várias linguagens que nos cercam hoje e torna-se hábil para colocá-las em diálogo, interagindo mais intensamente com os textos que lê:

A capacidade de transpor relações entre textos de diferentes linguagens é uma das qualidades do leitor letrado. Quando a letra de uma canção se insinua entre as imagens de um filme ou nas palavras de um romance, o leitor percebe o quanto as linguagens conversam entre si. (2009, p. 86)

A leitura não pode continuar sendo vista como uma atividade *disciplinar*, ela é inter e transdisciplinar. Por isso não queremos reduzir a definição de leitura à leitura literária, nem a de leitor à de leitor literário. A leitura é a atividade intelectual e emocional de relacionar percepções, conceitos e sensações, a partir da interação de um sujeito com uma textualidade. Tanto o sujeito (leitor) como o texto são históricos e culturais, isto é, carregam características que denunciam suas origens, expectativas e preferências. A interlocução entre ambos é transformadora. E isso, embora possa ser bastante lúdico e prazeroso no âmbito literário, não ocorre apenas dessa forma.

Como prática do intelecto, plena de emoções, a leitura é social e cultural. J. Camelo Ponte mostra essa relação entre texto-indivíduo-sociedade como fundamental:

A leitura é, portanto, uma atividade cultural do homem que, apesar das mudanças do instrumental necessário para que ela possa ser feita, estará sempre presente na vida dos indivíduos tanto para a construção e reconstrução individual do ser humano quanto para o desenvolvimento e reestruturação da sociedade. (2007, p. 42)

Para Ponte, a transformação operada pela leitura, que também vai atrelada à palavra, já incluindo sutilmente a previsão de outros suportes que não o livro, é uma transformação particular e coletiva. Na ótica desse pesquisador, os atos de leitura exigem e suscitam polissemias que podem provocar visões de mundo transitórias e críticas. A leitura, segundo ele, depende das mudanças tecnológicas e não aceita, hoje, ser resumida a uma literariedade de estranhamento artístico (Cf. 2007, p. 24). Não é mais apenas a diferença da palavra literária que transforma o leitor: as mídias, os suportes, os outros textos que testam os limites da arte da palavra interferem nesse processo.

Retomando a linha de raciocínio esboçada parágrafos atrás, o desejo a que nos referimos como tônica do ato da leitura ocorre tanto por parte do texto, que se dá a ver, faceiro, em sua sedutora materialidade, como por parte de quem o olha, instigado por seus mistérios, por seus jogos de luz e sombra, por suas sugestões de visualidade encantada e encantadora. Os atos de leitura, então, equivalem a atos de amor, de *apaixonamento* mútuo: o texto se contorce – e distorce até – com o prazer de se saber tocado pelo apetite do leitor e este exercita seu poder de sedução, ao se debruçar sobre o objeto que o provoca, buscando suas curvas, suas cores, seus sabores, seus perfumes.

A leitura demanda, para ser bem sucedida, o momento da aproximação, do envolvimento, dos pequenos presentes: um significado aqui, uma emoção ali, um arrepio, um suspiro, um pouco de medo, afinal, texto e leitor, até a abertura da primeira página, são quase ilustres desconhecidos. As fases iniciais desse processo de descoberta recíproca são fundamentais para a fruição prazerosa da leitura.

O leitor é o sujeito desse encontro e de suas consequências. Como no amor, na leitura, não há manuais que garantam a vitória da emprei-

Textos, leitores, literatura(s)... Ler, hoje?

tada. O leitor, então, como qualquer amante, é inseguro, deve ser inseguro, ele tem medo de interpretar erroneamente os sinais, tem medo de ser inadequado em suas intervenções, insistindo em ideias pouco criativas. Tem medo, ainda, de avançar demais, de fazer ligações indevidas. Para o leitor, o texto detém o poder, ele aprendeu, desde sempre, que os textos estão prontos quando chegam a seu alcance. Mal sabe ele que o texto, sem sua presença transformadora, não é nada além de palavras impressas numa página qualquer.

O leitor amedrontado demora a entender que o texto nasceu para ele, para que o descubra, o reinvente a partir de si, dando-lhe vida. Marta Morais da Costa é, mais uma vez, muito feliz em suas reflexões: “É preciso que haja um leitor para que o texto possa existir. Um livro fechado é apenas um objeto; aberto e lido passa a existir como uma produção de sentidos para o leitor” (COSTA, 2009, p. 39). Tal afirmação, segundo nos parece, pode ser estendida a todas as textualidades: uma música só existe quando ouvida, um filme quando visto, uma roupa quando usada e observada, uma praça quando habitada e vista etc.

Sem o leitor apaixonado e apaixonante, todos os textos do mundo se assemelhariam a pessoas solitárias e mal-humoradas – seriam estéreis, silenciosos e silenciados, mudos em sua inexistência fugaz. Esse casamento necessário entre texto e leitor, no entanto, nem sempre acontece com belas festas, com brinde e valsa.

Ninguém nasce sabendo namorar e ninguém nasce sabendo ler – seja a palavra, seja a imagem, seja o mundo. Assim como precisamos da ajuda dos familiares e amigos para aprendermos a seduzir nossos pares, também precisamos do apoio de pessoas mais experientes, que já dominam algumas estratégias/táticas de entrosamento com as textualidades

que se acercam de nós e com as quais tentamos interagir, para aprendermos a dialogar com elas. Na perspectiva de Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira, o domínio da leitura deve ser trabalhado em todos os campos de conhecimento e experiência. Professores de todas as disciplinas são agentes de letramento, que se utilizam das particularidades de seus conhecimentos para chegarem aos possíveis leitores (Cf. 2010, p. 50). E isso vale, na ótica deste artigo, para pais, avós, vizinhos, tios etc. Não existe *uma* técnica de leitura, *uma* estratégia de aproximação e *apaixonamento*. Há muitas, cada indivíduo cria a sua e deve passá-la adiante, sem preocupação com o sentido certo (ou errado) resultante da sua forma de ler.

Ler um texto pode ser comparado, neste artigo, a um jantar romântico, à meia luz, situação em que texto e leitor, amantes em potencial, se dão a conhecer um ao outro, o texto sendo cortejado pelo leitor e este se deixando seduzir por aquele. A sobremesa é o prazer que esse conhecimento, que esse encontro, quando bem conduzido, pode provocar.

O problema está colocado: como conduzir bem a interação texto/leitor? Quem comanda essa festa, o escritor? O editor? O ilustrador, quando houver imagens? O diretor do filme? O maestro que constrói a harmonia da música? O pintor que escolhe as cores e a técnica? O grafiteiro que ornamenta a parede da padaria? Qual o papel do leitor/espectador/ouvinte/observador?

Entendemos que as tessituras textuais, ou seja, as várias materialidades dos múltiplos textos que habitam nosso dia-a-dia, são fundamentais. Aquele que cria o texto introjeta neste, voluntária ou involuntariamente, seus valores, suas visões de mundo, suas perspectivas históricas, filosóficas, religiosas, as quais se concretizam quer na seleção temática, quer

Patrícia Kátia da Costa Pina *et al.*

na escolha vocabular, quer na combinação das cores, quer no limite dos traços, quer no foco da câmera, quer na melodia da música, quer na forma das roupas ou no tipo de maquiagem, ou na escolha dos vidros de um prédio ou das flores no jardim de uma praça.

Daí, então, seria possível deduzirmos que o texto comanda a relação? Viemos esboçando exatamente o contrário. Isso porque nada do que foi descrito e apontado no parágrafo anterior existe sem o olhar de um Sujeito. Temas, palavras, cores, formas, focos, sons, todos esses elementos que estruturam os textos que nos provocam só existem a partir da interação conosco. Recorremos uma vez mais a Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira:

[...] formar leitores autônomos significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para contextos diferentes. (2010, p. 56)

Assim, no processo da leitura, o leitor é peça chave. E por leitor, aqui, entendemos aquele Sujeito que se abre para a interlocução com obras artísticas em geral, práticas culturais, edificações e organizações urbanas etc. Ele trava um rico diálogo com o texto, ampliando sua capacidade de reflexão e transformação.

Retomando a comparação entre a leitura e um jantar romântico, cumpre lembrar que esse tipo de evento só ocorre em consequência da ação de intermediários: não existe jantar romântico quando os convidados estão atropalhados com cebolas, alhos, mesas por arrumar, cozinhas a serem limpas. Alguém que conheça

bem o texto – ou o leitor – precisa se incumbir dessas miudezas, aproximando a dupla.

Esses mediadores de leitura, alcoviteiras redesenhadas pela contemporaneidade, têm uma tarefa árdua – devem vencer a grande concorrência de fontes de prazer próprias desse século XXI: referimo-nos a professores, pais, bibliotecários, irmãos, primos etc. São as redes de sociabilidade que fazem as mediações de leitura hoje. A leitura torna visível, agora, as formas como os grupos se representam e encenam o mundo.

O leitor na concepção humanística do termo está rareando cada vez mais. Esse *receptor* ideal, amante das altas artes, é ave em extinção. Que bom. O leitor de hoje se desdobra em leituras muito diferentes dos textos da vida, talvez sua capacidade de refletir e sua habilidade de comparar *textos* se amplie. Vivemos uma época em que a ordem das sociabilidades mudou de familiar, interior e intimista para coletiva, exterior e urbana. Com isso, as formas de prazer também se espetacularizaram e excluíram a relação particular e concentrada do indivíduo com os textos, mas não diminuíram, necessariamente, a possibilidade transformadora desses novos atos de ler.

As formas de ler mudaram, porque nossas formas de relacionamento mudaram também. Isso é histórico e cultural. Ninguém mais leva sete anos namorando, Jacó nenhum serve a Labão para receber Raquel¹, permanecendo fiel, apesar das armadilhas. O amor é rápido e fragmentado. A leitura também. O leitor, hoje, é um ser em processo de esfacelamento:

1 Poema de Camões: “Sete anos de pastor Jacó servia /Labão, pai de Raquel, serrana bela;/Mas não servia ao pai, servia a ela,/E a ela só por prêmio pretendia/Os dias, na esperança de um só dia,/Passava, contendo-se com vê-la;/Porém o pai, usando de cautela,/Em lugar de Raquel lhe dava Lia/Vendo o triste pastor que com enganos/ Lhe fora assim negada a sua pastora, /Como se a não tivera merecida,/Começa de servir outros sete anos./Dizendo — mais servira, se não fora/Para tão longo amor tão curta a vida!”. A referência aponta para o imediatismo e pragmatismo contemporâneos.

Textos, leitores, literatura(s)... Ler, hoje?

ele precisa viver inúmeros papéis num só dia e esse modo de encenar-se a si mesmo acaba se tornando uma forma de repúdio a uma possível essencialidade. Para esse leitor que se nega como ser integral, que se constrói como quebra-cabeças em permanente incompletude, não pode haver um texto a ser lido *num só jantar*. Para esse leitor, cada jantar reúne um sem-número de textos em sua duração.

Os mediadores de leitura necessitam de preparação para lidarem com essas fragmentações rizomáticas: as suas próprias, as das textualidades e as dos leitores. Os leitores de hoje são bem menos leitores de palavras e bem mais leitores de imagens. Com seus padrões de gosto cultural e artístico formados na era eletrônica, as crianças e os jovens concentram na tela do computador, da TV, do celular, seus olhares e expectativas. É quase uma heresia propor a leitura de um romance, mesmo numa adaptação minúscula, pois o impresso ganhou conotações de obrigação escolar e a escola, numa época em que jogadores de futebol quase analfabetos (nem todos, é claro) ganham cifras astronômicas como salário mensal, a escola, repetimos, está em baixa. O que ela propõe é visto com maus olhos – em todos os sentidos.

Na tentativa de mudar essa avaliação sociocultural, muitas escolas particulares e algumas públicas passaram, também, a usar a mediação eletrônica cada vez mais, em detrimento dos velhos e pesados volumes (responsáveis por sérios problemas de coluna nas crianças de hoje, mas as de ontem carregavam o mesmo peso, sem grandes avarias...), didáticos e não-didáticos. Proliferaram as bibliotecas virtuais, mas elas também trazem um problema sério: seus acervos são compostos por livros *legíveis*, se fossem *audíveis*, pelo menos...

Ler não é algo sempre igual, o ato de ler

muda no tempo e no espaço. Isso não é bom, nem ruim, simplesmente é. Ler não é apenas ler livros, nem apenas ler literatura. A leitura não tem um valor intrínseco e nem pode ser instrumento de valoração – as práticas de leitura, o ser leitor ou não, não devem ser avaliados de um ponto de vista letrado. Esse tipo de enfoque desconsidera as diferentes textualidades que nos cercam, as mídias, as formas culturais e históricas de ler. Os variados contextos de leitura mudam, atualizam os textos e seus suportes (Cf. GALVÃO e BATISTA, 2005, p. 19).

Na tentativa de responder à questão-título, tentamos amarrar nossas reflexões. A leitura foi tradicionalmente considerada atrelada à literatura, em decorrência disso, ser leitor significava (e ainda significa, em diferentes setores sociais) dominar as estratégias literárias. Esse *poder* deu ao indivíduo condições privilegiadas, enquanto as sociabilidades se definiam por critérios humanistas.

Com as transformações tecnológicas, culturais e sociais ocorridas entre o final do século XX e os primeiros anos deste século XXI, pensar a leitura e o leitor nos moldes passados significa inviabilizar a existência de ambos. Daí as tantas afirmações de que os jovens não leem, a leitura está desacreditada etc. Avaliar a leitura e o leitor hoje com olhos letrados do século anterior é esvaziá-los de valor e significância.

Como construções históricas, sociais e culturais, leitura e leitor são, sim, pertinentes ao universo tecnológico em que vivemos. O homem contemporâneo, fragmentado e fragmentador, lê as textualidades que elabora e que o engendram de forma disseminada, rizomática. A leitura, agora, não é a do mergulho no romance. Ela se faz pela interação explícita e necessária de competências, repertórios e objetos.

Patrícia Kátia da Costa Pina *et al.*

É um ato de amor, de *apaixonamento*, mas de amor livre, independente, múltiplo, desavergonhado. É um jantar de pratos variados e intercambiáveis. E transforma, sim. Não para homogeneizar o leitor e seu mundo. Mas para expor as fundamentais fraturas que os constituem.

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Práticas de Leitura, Impressos, Letramentos: Uma Introdução. In.: _____ (orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. 2ed. 1 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flores. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura pasra pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Marta Morais da. *Sempre viva, a leitura*. Curitiba: Aymarâ, 2009.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PONTE, J. Camelo. *Leitura: identidade & inserção social*. São Paulo: Paulus, 2007.

YUNES, Eliana e PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. 2ed. São Paulo: FTD, 1989.